



BREVE HISTÓRIA DA RAINHA SANTA ISABEL DE PORTUGAL

Sãorosas Unipessoal Lda.

Com 2000 anos de História, Coimbra, pela sua circunstância geopolítica, foi onde se deram a conhecer algumas das figuras mais determinantes de Portugal e do Mundo: Santo António (nascido Fernando de Bulhões (?) 1195?-1231) e a Rainha Santa (1270-1336).

A Rainha Isabel, oriunda de Aragão, fora fadada a um destino diferente do habitual das princesas da sua época. Nasceria em Saragoça (11/2?/1270), envolta numa pele que a não deixava ver, e que a sua mãe guardou amorosamente, como um bom presságio.

Descendente das casas de Aragão e Sicília, logo ao seu nascimento gerou uma onda de pacificação dentro da própria família. A virtude de apaziguadora da guerra impôs-se às disputas entre Pai e Avô, o Rei D. Jaime. Diga-se que o monarca, grande conquistador pela Fé Cristã, tinha especial afeto por esta neta a quem transmitiu a sua nobreza de caráter, coragem, cultura e dignidade, certamente fruto da sua formação sob a tutela dos Templários.

O seu nome fora atribuído em homenagem à tia-avó, Isabel da Hungria (1207-1231), canonizada em 1235. A este ramo familiar é associado um notável número de mulheres canonizadas (6!) e uma beata.

A tradição atribui, às duas Rainhas Isabéis, o famoso Milagre das Rosas, largamente descrito como a transformação de esmolos que levavam escondidas na dobra do vestido, aquando confrontadas pelos seus maridos. Mas não só, as biografias conferem casamentos bem-sucedidos com Reis destacados, cultos e que as admiravam.... Dentro do que seria possível pois foram destinadas jovens. Isabel de Aragão casou com 11 anos. Em 15 de Outubro de 1282 os recém-casados fixaram-se no Paço Real da Alcáçova (hoje ocupado pelo Paço das Escolas da Universidade de Coimbra).

Ambas foram admiradas em vida pela sua cultura, piedade, amor aos pobres e doentes, inspiradas pela recente Ordem Franciscana. A caridade era o motor de suas vidas e o que gerou o amor e admiração do povo que em vida as chamava Santas.

Fez-se notar o incansável apoio e fundações de enfermarias, hospitais, albergarias e mercearias piedosas, mas a Rainha destacou-se pela coragem com que se aproximara dos desterrados da sociedade, os Leprosos. A Isabel de Aragão chegou a ser, na época, considerada cura milagrosa, a forma como tratava suas chagas....no entanto, e acima de qualquer ciência, estava a inquestionável coragem e generosidade com que se abeirava dos mais infelizes e doentes, num mundo onde estes eram proscritos por um mal diabólico, uma maldição perigosa.

Cumpria escrupulosamente os rituais: lavar os pés dos pobres na Quinta-feira Santa, a esmola na Sexta-feira da Quaresma, aliviando assim da doença os mais necessitados.

Os relatos sucederam-se apesar a discrição da sua atitude: curava pela oração, pelo toque das suas mãos como vem relatado no site da Confraria da Rainha Santa pela Doutora M^a Helena da Cruz Coelho: "Apenas num caso, quando a rainha ia de Coimbra para o Porto, uma mulher da Arrifana lhe veio ao caminho pedir a cura da sua filha cega, prova manifesta da difusão da sua aura de santa já em vida. A rainha curou a criança, impondo-lhe as mãos nos olhos. A mulher espalha alegremente o prodígio, todavia a rainha pede-lhe, caritativamente, o silêncio, dando roupa à mãe e à filha. Mas como se diz, as pessoas da casa da rainha sabiam."





Sãorasas Unipessoal Lda.

Ao contrário do suposto recato do seu lugar de Rainha consorte, foi interveniente, direta ou indiretamente, nos vários conflitos que decorreram dentro da sua família. Conseguiu a Paz entre o Rei e o desconfiado filho, futuro Afonso IV. E mais tarde, entre o filho e neto, para além de intervir pela concórdia e paz entre reinos e outros parentes.

Da sua inteligência e forma de encarar o que seria tido como aceitável, deixou episódios que ficaram registados, como o exemplo de “Odivelas” e “Lumiar”, nomes que se devem ao facto de ter mandado iluminar a estrada que o Rei percorria para visitar as freiras bernardas do Mosteiro de São Dinis.

D. Dinis, o fundador da Universidade, admirava a sua cultura e inteligência, fazia-se acompanhar em atos, governava “en sembra com a Reÿna dona Jsabel”. O Rei Trovador cantou em sua honra: “Érades boa para rei”, como confere a recente biografia coordenada por António Rebelo. Após a morte do Rei, em 1325, D. Isabel foi, pelo menos, uma vez como peregrina a Santiago de Compostela. Ia de burro e a pé, fazendo esmolas por onde passasse. À sua chegada o arcebispo de Compostela ofertou o bordão, de jaspe e prata, encontrado, no século XVII, sobre o ataúde onde se guardavam os seus restos mortais.

Por fim a Rainha viúva vestiu o hábito da Ordem das Clarissas e instalou-se no então Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, onde fez obras de ampliação e continuou a gerir a sua fortuna para caridade. Apenas saiu uma vez, em 1336. Com 66 anos foi a Estremoz para evitar o confronto entre seu filho e seu neto (D. Afonso XI de Castela). Na viagem foi vítima da peste, tendo morrido em 4 de julho. Cumprindo-se a sua vontade, o corpo foi transportado para ser sepultado no Mosteiro de Coimbra. Seria uma viagem longa e em época quente, pouco adequada para a conservação do corpo. No entanto, segundo a história hagiográfica, o ataúde começou a abrir fendas, pelas quais escorria um líquido com um suave aroma a rosas.

Se já era tida como Santa em vida, a sua fama aumentou após a sua morte. Foi assumida como Rainha Santa, pela *vox populi*, assim que se soube do seu passamento era venerada, e atribuem-se logo cerca de 16 milagres e por todo o país. A devoção era predominantemente feminina e os populares abeiravam-se ao seu túmulo, beijavam-no e eram agraciados com curas tanto do corpo como da mente. Muitos objetos de uso pessoal tinham, igualmente, poderes curativos e protetores. Mas o seu exemplo de vida estende-se à aristocracia. A Rainha Santa tornou-se rapidamente um culto transversal a toda a sociedade. Era, e é, um *exemplum ad imitandum*.

O Rei D. Manuel solicitou à Santa Sé a sentença de beatificação, foi concedida pelo papa Leão X, em 1516, pouco depois instituiu-se a sua Confraria. Em 25 de maio de 1625 foi canonizada pelo Papa Urbano VIII, como resultado do processo em que se empenhou a dinastia filipina, então reinante em Portugal. Diga-se que o contexto europeu, com a ascensão dos ideais da reforma luterana, e o argumento iconoclasta de Calvino, não seriam nada propensos nem favoráveis à segurança política do Papa, perante o contexto europeu. Como descreve Carlota Miranda Urbano, “esta canonização é contemporânea de um período de crescente exigência e rigor quer na sanção de antigos quer na criação de novos cultos, no espírito da reforma tridentina”.





Sãorosas Unipessoal Lda.

O Rei Filipe III, no dia 14 de Julho do mesmo ano, proclama-a Padroeira de Portugal. Devido às constantes cheias do Mondego, foi construído um novo Mosteiro, Santa Clara-a-Nova para onde se transferiu o seu corpo, desta vez para um túmulo em cristal e prata, financiado pelo Vice-Rei, o Bispo-Conde D. Afonso de Castelo Branco. Em várias ocasiões solenes se constatou que o seu corpo se encontra incorrupto, o que conferia santidade.

O seu túmulo, bem como o Mosteiro Novo de Santa Clara (Santa Clara-a-Nova), está confiado à guarda da Confraria da Rainha Santa Isabel.

São, até aos dias de hoje, atribuídas intercessões, a ser devidamente estudadas.

Ficou por todo o país e estrangeiro, seguramente, a sua inspiração de bondade ao alimentar os pobres. Nos Açores é associada à criação das tradicionais Festas de Espírito Santo.

Tem, atualmente, devoção em todos os continentes.

A Princesa de Aragão, Rainha de Portugal, trouxe consigo todos os dons que modelaram irremediavelmente a nossa visão da Dinastia reinante, do Culto e da sociabilidade da Idade Média. Isabel de Portugal é um baluarte dos valores que devemos perpetuar, de forma a preservar o melhor que a humanidade detém: Fé, Amor e Caridade!

Frederica Morão Chichorro,
aceite na Confraria da Rainha Santa em 2006

